

IMORTALIDADE, INCRE-
DULIDADE E PREGUIÇA,
FECHAM-SE EM CIRCULO;
PODE COMEÇAR-SE
POR ONDE SE QUIZER.

GRATY

ANO VII — N.º 187

AGOSTO

16

1 9 5 9

DE LOULETANO Para louletano

Apesar de ter sido o nosso jornal quem, no momento acurru-nhante da mágoa e do luto, lan-çou a ideia de se erigir, nesta vi-la, um monumento ao Dr. José Bernardo Lopes, que durante 40 anos a servira modeladamente, não temos querido participar no que, a propósito do assunto, penas alheias tem feito de reparos.

Além de um motivo de ordem exclusivamente pessoal, não dese-jávamos que, à força de se falar dele, o monumento que todos sin-ceramente desejam, aparecesse como resultado da violência de consciências o que lhe subtrairia o cunho de sentida e espontânea gratidão e de inequívoca e sine-ra homenagem.

Temos aguardado, além do mais, a palavra merecida e a que o público tem direito, de quem oficialmente a podia dizer.

Apenas se sabe que, ou como protesto do marasmo da Comis-são Executiva ou por falta de correspondência dos louletanos àquilo que deles era legítimo es-perar, abandonaram a mesma Com-missão os srs. P. Francisco José Baptista e João de Aragão e Moura. Por si e em parte judicio-samente, falou o sr. Manuel Guerreiro Pereira.

Entretanto...

Entretanto, o nosso colega *Correio do Sul*, uma delicada mas significativa referência, pro-mete vir à liça se o tradicional

Nova unidade DE PESCA em QUARTEIRA

Foi construído no estaleiro Na-val de Quarteira, do sr. José da Casinha Correia, um barco à vela e a motor destinado à pescaria, com redes de nylon, levando a bordo uma tripulação de 5 ho-mens.

É o primeiro barco à vela e a motor neste género, existente em Quarteira, e de que é proprietá-rio o marítimo sr. Manuel dos Ramos Cuco. Importou em cerca de 67.000\$00 e o valor das redes e cabos custou 30.000\$00.

Espera-se que esta inovação no sistema de pesca na Praia de Quarteira contribuirá para o seu desenvolvimento técnico e abrirá caminho à substituição do actual sistema de exclusivismo da vela, tão ultrapassado como perigoso.

Cartas ao Director Esclarecendo

Permita-me, sr. Director, que, a propósito dum artigo publicado no n.º 186, de 2 de Agosto, do vosso quinzenário, no qual se fo-cava o malfadado caso do monu-mento ao Dr. José Bernardo Lo-pes, venha esclarecer que o mo-numento erigido ao saudoso En-genheiro Duarte Pacheco foi da exclusiva iniciativa da vereação que em Novembro de 1943 geria os negócios da Câmara Muni-cipal e não do Governo como ali se afirma. Creio que o que o distinto articulista pretendeu dizer, foi que a dita iniciativa não seria de possível realização se não fôra a colaboração patriótica de todos os municípios do país e a valiosíssima assistência técnica e financei-ra o Estado. A essas felizes cir-cunstâncias poderão adicionar-se, com inteira justiça, a da tenaci-dade e a do espírito de gratidão que animaram aquela vereação até ao momento em que se remo-veram todas as dificuldades que se lhe deram, não sendo a de menor importância a financei-ra.

Com este modesto subsídio a história poderá fazer-se com mais exactidão.

Pela publicação destas singe-las linhas ficará muito grato o

Seu Assinante,

A. S.

AVENÇA



QUINZENARIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIAO
Tel. 154 — R. Tenente Valadim, 30 — FARO

DIRECTOR
Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETARIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira, 42-44 — LOULÉ

GRANDE FESTIVAL DE VERÃO na Praia de QUARTEIRA

Com grande afluência de públi-co inaugurou-se no dia 1 do cor-rente, a temporada recreativa na Esplanada-Dancing.

O sr. Dr. Sousa Pontes, Presi-dente da Junta de Turismo da Praia de Quarteira depois de pro-ferir breves palavras explicativas da finalidade das Juntas de Tu-rismo, segundo o Código Admi-nistrativo, fez a apresentação do sr. Arnaldo Martins de Brito, Vi-ce-Presidente da Comissão de Festas da Casa do Algarve em Lisboa, como seu colaborador ar-tístico durante a época de 1959, o qual por sua vez saudou as au-toridades de Loulé e de Quartei-ra na pessoa do Ex.^{mo} sr. Presi-dente da Câmara Municipal de Loulé, exaltou as belezas e a his-tória do Algarve e depois duma descrição desenvolvida sobre a música, fez a apresentação da Orquestra Pax-Júlia a qual exe-cutou com agrado geral o seu programa internacional de músi-ca de dança e dançou-se com uma animação invulgar até às 3 horas da madrugada.

No domingo encaminhou-se o programa no mesmo sentido festivo da noite anterior, mantendo-se a mesma alegria.

Dando cumprimento a um pro-grama previamente estabelecido, exhibiu-se no dia 6 a apreciada ar-tista Maria de Pádua; no dia 8 iniciou-se o Concurso Folclórico Algarvio, com a exibição do afa-mado Rancho de Santo Estêvão; no dia 11 actuou a conhecida ar-tista Maria José Valério; no dia 14 realizou uma conferência so-bre as possibilidades de explora-ção e valorização das Termas da

(Continuação na 2.ª página)

Praia de Quarteira

Temperaturas médias regista-das no Posto Meteorológico de Quarteira de 1 a 13 de Agosto:

Máxima: 24,5
Mínima: 17,6
Água do mar: 20,7

Turismo no Algarve Uma sugestão prática

Por: ALVARO PEDRO CAPE

I

— «Mas isto é muito melhor que a Costa Brava e a Riviera. Posso garantir que, se o Governo construisse aqui hotéis e um ca-sino, com facilidades de trans-porte e alguma propaganda eu, que conheço bem estas duas re-giões da França e da Espanha não tenho a menor dúvida em afirmar que o Algarve, em cin-co ou seis anos, poderia rivalizar com as melhores estâncias da Europa».

A frase lançou-a, incisiva e au-torizadamente um jornalista nor-te-americano cujas opiniões exa-rrou notória influência na direc-ção das correntes turísticas que saem da sua pátria. Mais do que um louvor, ela vale como vergo-nhoso libelo contra uma inércia e um narcisismo inoperante que nos tem fechado sobre nós pró-prios, extasiados perante um te-souro divino, sem, contudo, sa-

Lãs Churras

De harmonia com o despacho de 14 de Julho p. p. de Sua Ex-celência o Secretário de Estado do Comércio, foi reduzida para 5% a taxa sobre o valor de ex-portação de lãs churras compra-das pelos exportadores em leilões efectuados nos termos da regu-lamentação em vigor, mantendo-se em 20% a taxa sobre as res-tantes lãs churras.

É portanto a vantagem que os proprietários dos ovinos churras têm na adaptação dos raciais preceitos de tosquia e enrolamen-to dos velos e a utilização do sis-tema em vigor para concentração das lãs e a sua venda em leilão.

Os Grémios da Lavoura e a Delegação da Junta Nacional dos Produtos Pecuários no Algarve, com sede em Faro, poderão dar aos interessados todas as infor-mações necessárias.

bermos o que fazer com ele. Exemplo flagrante de como a ga-linha e a pérola da fábula chega-ram aos nossos dias.

Entretanto, uns queixam-se da má situação da indústria conser-veira, outros de que o actual con-dicionalismo sufoca a indústria da alfarroba e todos vão espe-rando que algum estrangeiro lhes deixe cair nas mãos um lenço, com que enxuguem as lágrimas.

Não. Não são os estrangeiros. Es-ses procedem como os funcioná-rios de certo posto aduaneiro que, ao saberem que alguns estrangei-ros pretendiam vir fazer turis-mo, em Maio, para o Algarve, os olharam como aves raras, go-zando intimamente a «excentrici-dade daqueles sujeitos». Não é de fora que nos virá a solução. Somos nós que temos que encon-trá-la.

2 — Antes de mais, do que precisamos é de uma lufada de ar fresco, que nos arraste para longe certas teias e aranha e fa-ça desenraizar alguns preconcei-tos absurdos. Há que criar na nossa gente dinamismo e espírito de iniciativa. Há que tomar con-tacto com as grandes realidades

(Continuação na 3.ª página)



Desde a praia dos Olhos d'Água até Sagres, toda a costa algarvia é fértil em lindos recortes cavados na rocha como este de uma praia de Lagos

Hospital de Loulé

Já recommçaram e vão entrar em fase de acabamento as obras do Hospital de Loulé. Os traba-lhos envolvem toda a ala esqua-da do edificio, onde funcionavam as enfermarias dos homens que, por este facto, estão a ser demo-lidas, e foram adjudicadas a um construtor local pela quantia de 447.000\$00. As obras em curso compreendem, além de outras de-pendências, 6 enfermarias com-portando 26 camas, sala de tra-tamentos, sala do vigilante, ar-recadação e instalações sanitá-rias, tudo disposto da seguinte forma: As enfermarias ocupam o rés do chão e primeiro andar, em número de três em cada piso, e ficam virados para o lado opo-sito à fachada principal, isto é, pa-ra o quintal a servir de jardim; do lado virado para a rua e se-parado das enfermarias por um longo corredor ficam as outras instalações, já referidas. Teve-se em vista com esta disposição, atender simplesmente à parte funcional, o que motivou ficar o edificio privado de janelas em to-da a frente que deita para a ave-nida Marçal Pacheco, ou seja a fachada principal, e em substitui-ção, para arejamento e luz, abri-rem-se umas frestas de sentido



Fachada actual do Hospital de Loulé, cuja harmo-nia de conjunto se pretende destruir com as obras agora iniciadas.

Pelo Grémio da Lavoura

Podemos informar os produ-to-res de milho que, com a condição de ser entregue e posta a funcio-nar até ao fim do corrente mês, o Grémio da Lavoura deste Concelho acaba de adquirir uma má-quina de descamisar e descarolar milho.

Igualmente damos a notícia de que em Setembro próximo, a em-presa «A Produtora da Síllica, Lda.», terá a funcionar, na pro-priedade do sr. Gervásio Santos, próximo da Ponte da Tôr, uma máquina de moer calcário desti-nada a fornecer, gratuitamente, aos srs. lavradores, a cal neces-sária aos terrenos em que seja aconselhada uma calagem con-veniente.

Para isso poderão os interes-sados inscrever-se no Grémio da Lavoura, onde lhes serão presta-das todas as informações.

A referida empresa encarrega-se das análises dos terrenos, in-dispensáveis à verificação das respectivas necessidades quanto a cal. (determinação do PH).

A Realidade Turística Algarvia

Que dizer do problema turísti-co do Algarve? Que infelizmente ainda não atingiu a justa repu-tação no conceito internacional.

Cai tanta beleza do Céu, mas prosperidade civilizadora do ho-mem, é coisa que o Algarve tem sentido muito pouco, e, contudo, é das províncias que melhor po-dão dar a Portugal a impressão exacta do seu valor turístico.

Olhai gentes para este Mar al-garvio, e violência e ocura; al-trastes e tradição e lenda. Mar algarvio; quantas evocações; quantos projectos despertados

(Continuação na 3.ª página)

horizontal, tracejadas a meio por uma travessa para segurança dos caixilhos. Isto justifica-se, se-gundo os técnicos, para evitar o barulho da rua quanto aos doen-tes e a exposição dos aposentos ao calor solar, o que os tornaria, de certo modo, pouco recomen-dáveis, porquanto a fachada prin-cipal está mais exposta ao sol do que o lado do quintal. O que se não justifica, porém, é uma parte da frente sem janelas, em con-traste com outra em que as jane-las são duplas, tendo apenas a igreja da Misericórdia a separar as duas partes, donde resulta que o alinhamento é precisamente o mesmo. A própria igreja, situada mais ou menos a meio, passa a dar a impressão de que há ali duas coisas destinadas a fins di-ferentes, uma que será o hospi-tal, e outra que servirá, por exemplo... O leitor que o diga, se quiser.

Não haverá, todavia, uma solu-

Fim de Curso

Concluiu com distinção a sua formatura na Faculdade de Di-reito de Lisboa o nosso estimado conterrâneo sr. Dr. Manuel Cabe-gadas de Ataíde Ferreira, filho do nosso querido amigo sr. Ma-nuel de Ataíde Ferreira, funcio-nário da Direcção de Estradas de Lisboa e de sua esposa a nossa conterrânea sr.ª D. Maria José Soares Cabeçadas de Ataíde Fer-reira, que foi proprietária e di-rectora da antiga Farmácia Ca-beçadas, desta vila.

Ao novo licenciado, com um abraço das nossas felicitações, formulamos votos de uma bri-lhante carreira profissional.

PRAIA DE QUARTEIRA

Ouvindo o Presidente da Junta de Turismo
por Luís Sebastião Peres

A entrevista que publicámos no último número do nosso Jor-nal veio despertar muito interes-se entre os louletanos que toma-ram conhecimento do que a Junta de Turismo se propõe realizar dentro de algum tempo.

Por isso, foi com o maior inter-esse que voltámos a ouvir o sr. Presidente de referida Junta de Turismo, Dr. António de Sousa Pontes.

Falámos da defesa da nossa costa contra a erosão marítima...

Na realidade, conforme consta de um estudo efectuado pela Hidráulica do Guadiana, o mar avançou 120 metros durante os anos que vão de 1920 a 1945.

A crista da duna já desapareceu e, talvez por isso, a estrada marginal está constantemente invadida pelas areias adjacentes.

Posso porém afirmar-lhe, pela troca de impressões que temos tido com os engenheiros Direc-to-res dos Serviços, não só da Jun-ta Central de Portos, como da Repartição de Estudos e Projec-tos, (Serviços Hidráulicos), que se está atento ao problema e con-tinua a estudar-se o movimento das areias na nossa costa.

ção que remedeie uma coisa que se nos afigura um atentado aos bons princípios da estética, para mais numa rua que é considera-da uma das melhores da Vila?

Argumenta-se, aliás sem gran-de razão, que as janelas forçam as pessoas que moram em frente a divisarem aquelas outras que por-ventura se sirvam dos quartos de

(Continuação na 2.ª página)

BEIRA-MAR

Falar da beira-mar, será sem-pre necessariamente lembrar, me-lhor dizer coordenar todo aquele cenário e aquelas emoções que aí se experimentam.

É tantos motivos ela nos ofere-ce, embora à primeira vista pa-reçam reduzidos. O mar e sem-pre o mar, azul como o céu, imenso como ele, a entoar a sua canção, uma canção sempre igual e sempre nova cada vez que se escuta; canção que ao longe se dilui como a espuma que se des-faz cada vez que se perde na areia.

Velas brancas vogam suavé-mente nessa imensa estrada azul; asas brancas de galvoas que se agitam acima dela ou aí poizam; barcos em repouso lembrando sentinelas, cuidando o oceano co-mo coisa sua, e lá longe na linha do horizonte mal se vislumbra em navio rumo a terras longín-quas.

Aqui na praia, um belo buzio perdido, talvez com saudade do mar que uma vez abandonou, ainda entoa a quem o queira es-cutar a sua canção.

(Continuação na 2.ª página)

— Porém, não poderá surgir, de um momento para o outro, uma invasão súbita da costa, co-mo sucedeu no último inverno, na Costa da Caparica e em Vieira de Leiria?

— Tanto quanto julgam os Ser-viços saber, não parece que tal fenómeno se dê com facilidade. É certo que há movimentos súbitos das águas, resultantes em geral de fenómenos sísmicos, como foi o «ras-de-maré» que em 1755, quando do célebre terramoto, en-trou 3 Klm. pela terra dentro, em Quarteira, e matou muitas pessoas.

Mas não sendo assim, como di-zem os engenheiros da Hidráuli-ca, a actual fase é de adormeci-mento da costa. Contudo, vão aconselhando o recuo da linha das construções à beira-mar...

Por este motivo tencionamos promover, de acordo com as Di-recções Gerais dos Serviços Flo-restais e Hidráulicos, a planta-ção, no próximo inverno, de mais árvores e arbustos apropriados à beira-mar, agora também em frente da avenida marginal, para

(Continuação na 3.ª página)

Hospital de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

banho, quer de dia, à luz do sol, quer à noite com as luzes acesas. Acharmos o argumento, um pouco infantil, tanto mais que umas simples persianas, como aqueles que já estão na parte antiga, remediariam o inconveniente opontado e contribuiriam para maior harmonia do conjunto, dando importância ao melhor edifício da Vila. O agravamento manetário da obra também não seria grande, pois limitava-se a pequenas alterações com a fixação das janelas e respectivas persianas.

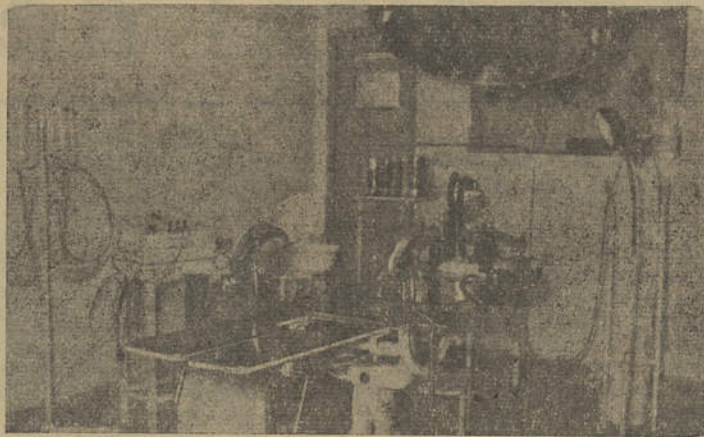
Tal como está na planta, podemos imaginar uma frente tendo dum lado uma fachada discreta, de linhas sóbrias, sem contu, do deixar de ser interessante, ao centro uma igreja em forma de arco, com um pórtico manuelino classificado de interesse nacional, e do outro lado uma muralha servida por umas mal fadadas frestas, a destoar do conjunto!

Pouco percebemos de arte, é certo, mas se apresentarmos a uma criança uma flor e juntamente uma alcaçofra, ela não hesitará em aptar pela primeira com manifesta repugnância pela segunda; donde se conclui que há uma arte intuitiva ao nível de qualquer preparação. Dado que assim não fosse, os museus não se justificariam, visto que a maior frequência deles provém de pessoas sem qualquer formação artística.

Não queremos, com a nossa opinião, negar capacidade artística ou decorativa ao autor do projecto, que não sabemos quem seja, fazemos mesmo justiça às suas intenções e à sua honestidade sob o aspecto utilitário e funcional, mas o que não podemos calar é o nosso anseio, como filho da Terra, de ver Loulé cada vez mais embelezada, cada vez mais bonita, e por isso levantamos um pouco a voz contra tudo que não se harmonize com este desiderato, com esta divisa. Bem sei que em arte há uma grande amplitude na concepção e na apreciação, e que os profissionais, os apóstolos, estão muito mais aptos a discuti-la do que os outros os leigos; contudo estes também podem ter opinião e dizerem da sua justiça, sem que, por esse facto, se lhes possa atribuir qualquer propósito pejorativo.

Ora a vila de Loulé está farta de maus modelos de edifícios públicos, sobretudo nas construções mais recentes, em que se tem atendido somente à parte funcional, com certo desprezo pelo conjunto arquitectónico. São disso testemunhos a escola das Portas do Céu, um «cocomorfo» em que nem sequer a parte funcional foi

atendida, o edifício dos Correios, o da Caixa G. Depósitos, etc. Ora suponhamos que o mesmo critério se estendia à construção particular. O sr. Delfim que é padeiro e deseja possuir um forno de cozer pão na rua dos Capachos, julgar-se-ia, visto que é essa a parte funcional, no direito de o construir com a frente para a rua para melhor servir os seus fregueses. Atrás do sr. Delfim, outros se seguiriam, e a rua dos Capachos, aliás digna de melhor sorte, passaria a ser a dos capachos, dos «cocomorfos», ou de todas as



O Hospital de Loulé é hoje dos hospitais da província que dispõe de melhor apetrechamento

extravagâncias criadas à sombra do aspecto funcional. Basta de exemplos, o que é preciso é que Loulé comece a se resarir do pecado de construir feio, porque uma má construção só se refaz ao fim de muitos anos, vencida pelo tempo ou desfeita por um cataclismo.

Dizem que a arte se sublima e caminha para o infinito, para o inverosímil. Não o contesto. Oxalá ela não vá bater à porta do Júlio de Matos, ou de outro qualquer manicômio de fama, levando na mão um quadro que tanto pode representar um filho de Adão como a lagarta das couves.

Os primeiros doentes tratados no Hospital de Loulé foram os soldados feridos na tomada de Tânger

O Hospital de Loulé tem a sua história, que vem de longe. Fundado por D. Afonso V, deram-lhe para sede uma albergaria que existia na vila, sendo mais tarde anexado à Misericórdia por carta de 25 de Fevereiro de 1570. Segundo Duarte de Almeida, os primeiros doentes tratados neste hospital foram os soldados feridos na tomada de Tânger, em 1471. Denominava-se Hospital de Nossa Senhora dos Pobres ou do Ó.

Quanto ao local, ignora-se qual fosse, embora se saiba que durante algum tempo esteve instalado em edifício onde hoje se ergue o da Caixa Geral dos Depósitos, integrado naquela instituição fundada pela rainha D. Leonor — as misericórdias — a cuja confraria estava subordinado.

Como irmão que somos da Misericórdia, o nosso interesse pela instituição levou-nos, em destes dias, à curiosidade de saber como decorre a vida naquele organismo e respectivo hospital.

Fomos recebidos pelo Vice-Provedor, sr. João Farrajota Alves, cuja amabilidade se apresenta como um bom natural, dando-nos o ensejo de apreciar uma obra a tantos títulos notável, como seja o internamento e tratamento de doentes, serviço de consultas, serviço operatório, tratamentos realizados no Banco, etc.

Resumindo: — Em 1957 estiveram internados no Hospital de Loulé 768 doentes. O serviço operatório realizou 405 operações de grande cirurgia e 843 de peque-

na cirurgia. O movimento de doentes nas consultas externas acusa 1965 em clínica médica e cirúrgica; 678, em oftalmologia; 280, em estomatologia; e 156 em otorinolaringologia. Os tratamentos realizados no Banco foram em número de 4.109, e os exames radiológicos, de 1.110.

Parte dos doentes tratados como pobres

O ano de 1958 dá como doentes internados 790, dos quais foram tratados como pobres 557, e como

pensionistas, 233. O movimento operatório acusa 320 intervenções de grande cirurgia (um pouco menos que no ano anterior, o que aliás se justifica dado que desapareceu a urgência dos primeiros tempos) e 912 de cirurgia pequena. O movimento de doentes nas consultas externas foi de 1.022 para a clínica médica e cirúrgica; 772 para oftalmologia; e otorino, 221. Os tratamentos realizados no Banco elevaram-se a 4562, e os exames radiológicos, a 1.210; os agentes físicos, a 272. Finalmente, os primeiros seis meses de 1959 avançaram com 341 doentes internados sendo destes 221 tratados como pobres, e 120, como pensionistas. No serviço operatório registam-se 134 intervenções de grande cirurgia (faltam os dados relativos à pequena). O movimento de doentes nas consultas externas está assim escalonado: clínica médica e cirúrgica, 475; oftalmologia, 428; otorino, 176; exames radiológicos, 781; faltam os dados quanto aos tratamentos realizados no Banco.

Aspecto social e humano

Poderíamos fechar aqui a corrente das nossas considerações acerca do Hospital de Loulé, aliás desprovida de qualquer brilho, e fecharíamos muito bem sob o aspecto informativo, concedendo assim salvo-conduto ao benevolente leitor para sair deste labirinto de prosa enfadonha. Há, porém, outros aspectos a encarar — o humano e o social —; é, pois, sob estes aspectos que nos permitimos formular algumas considerações mais.

Em tempos que já lá vão, deixar ao hospital era o mesmo que renunciar ao resto da vida, porque os que ali davam entrada (regra geral indigentes) reapareciam, parte deles, ou melhor, desapareciam na última viagem que se faz neste mundo. Por tal circunstância, ninguém queria ir para o hospital, e se algum lá caía era porque não havia na família

(Continuação na 4.ª página)



GANHE

600 escudos com um instantâneo tirado por si.

Informa das condições:

Centro Comercial de Representações e Informações

Rua da Carreira, n.º 5

LOULÉ

TRACTOR

VENDE-SE um Tractor, marca David Brown, 42 H.P., novo, sem rodagem, por baixo preço e com todas as garantias.

Tratar com Francisco Rodrigues Madeira — ALTE.

GRANDE FESTIVAL DE VERÃO na Praia de QUARTEIRA

(Continuação da 1.ª página)

Fonte Santa o sr. Engenheiro Silva Carvalho; no dia 15 teve lugar a «Noite dos Poetas Algarvios», dedicada à extraordinária figura de distinção e de beleza, D. Francisca de Aragão, nascida em Quarteira no ano de 1536 e grande inspiradora dos poetas, Luís de Camões, Pedro de Andrade Caminha e outros; dia 19, prosseguimento do «Concurso Folclórico» com a exibição do Rancho da Conceição de Faro que tanto sucesso obteve no Coliseu dos Recreios; dia 21, espectáculo pelo Cliper Musical; dia 25, Conferência sobre o clima e o Turismo de Quarteira por um distinto meteorologista; dia 26, final do concurso Folclórico Algarvio com a apresentação do aplaudido Rancho de Alte; Dia 29, grande noite internacional dedicada à Colónia Estrangeira.

Tudo isto contribui para que a Praia de Quarteira, marque este ano uma posição de destaque, não so pelo aumento de banhistas que atingiu um número jamais igualado, mas também, pela orientação que a Junta de Turismo está dando às manifestações culturais, recreativas e desportivas, entusiasmando nacionais e estrangeiros que ali estão veraneando.

Ligeiras palestras são proferidas, com o intuito de enaltecimento das belezas do Algarvio e sobre a vida do Algarvio. Os programas apresentados são estudados de maneira a desenvolver cada vez mais o gosto pelo regionalismo, podendo mesmo afirmar-se que a arte e a cultura popular sobressaem em todos os seus aspectos, ocupando o folclore o lugar que lhe é devido.

Com o patrocínio do Ex.º sr. Comandante António Augusto Cardoso, mui digno Delegado Marítimo de Quarteira, realizam-se no dia 23 de Agosto as Grandes Festas Nauticas, que estão a despertar muito interesse. Projecta-se também nesse dia uma Ginca de Automóveis.

A distribuição dos prémios será efectuada na Esplanada-Dancing, durante a festa em honra dos concorrentes às provas, terminando o festival com um vistoso fogo de artifício, lançado do mar.

As inscrições podem desde já ser pedidas para a Junta de Turismo de Quarteira.

x x x x x x x x x x

ARMAZEM

Aluga-se um armazem, situado na Rua do Matadouro. Informa Amadeu Pedro da Cruz em Loulé ou Sanches & L.ª, em Portimão.

FIAT 500

Vende-se, em bom estado. Tratar no Café Vitória — Telef. 74 — LOULÉ

VENDEM-SE

PROPRIEDADES RÚSTICAS NOS ARREDORES DE LOULÉ

VALE D'ASNOS (Sítio das Portas do Céu). Terras de semear, figueiras, amendoeiras, oliveiras e monte.

CHABOUÇO (Sítio da Fonte d'Apra). Terras de semear, figueiras, amendoeiras, oliveira e alfarrobeiras.

AMENDOEIRA (Sítio da Amendoeira). Terras de mato e alfarrobeiras.

Área: 4,5 ha. PROPOSTAS: a Fernando Moura Soares — Rua António Ferreira, 16-1.ª, Dt.ª — Lisboa-5.

Beira-Mar

(Continuação da 1.ª página)

E acolá uma concha dourada reluz mais parecendo ouro cintilante que pobre concha partida, por aqui e ali vêm-se construções de areia, materializando ideais fantasiosas e que logo uma onda deitara por terra quais castelos de cartas, que caem ao mais leve sopro.

Beira-mar, regiões onde nos afastamos da terra e sentimos a presença do mar, e onde se erguem praias de maravilha nos recortes caprichosos das suas rochas ou na imensidade impressionante da sua vastidão.

E o Sol fazendo maravilhosos reflexos de prata realça todo este quadro que aqui se desenrola ante os nossos olhos, um quadro sugestivo, diferente dos demais, feito de sonho e realidade, de luz e sombra, de repouso e vida, na verdade um autêntico quadro vivo — único no género, que é este da beira-mar.

Uma Serrana

VIAJANTE

Precisa-se viajante para armazém de mercearias, conhecendo Algarve e Baixo Alentejo.

Nesta redacção se informa.

HORTA

Arrenda-se uma horta próximo da Vila, com casas de habitação, armazéns, cavalariças, etc.

Quem pretender dirija-se à proprietária, na Rua Gil Vicente, 37 — LOULÉ.

Venda de Prédios

VENDEM-SE os seguintes prédios:

Dois na Rua Francisco Grandela, n.º 21, 23 e 25, com 1.º andar e rez do chão.

Um na Rua Paio Peres Correia, n.º 8, 10 e 12, com 1.º andar e rez do chão.

Um em Quarteira, em frente da Pensão Isidoro, n.º 11 e 13.

Tratar na CASA ZÁZA — Telef. 177 — Loulé.

Materiais de construção

NÃO COMPRE SEM VISITAR A CASA DE —

João de Sousa do Nascimento

Rua Ataíde de Oliveira, 31 e 33

— (EM FRENTE AO MERCADO) —

Louças sanitárias e Azulejos de todas as marcas e de todos os preços

MOSAICOS ARTÍSTICOS E DE MARMORITE
ARTIGOS DE CIMENTO ARMADO
ESTANCIA DE MADEIRAS
FERRAGENS E DROGAS

RAPAZ - Oferece-se

Com habilitações correspondentes ao 2.º ano liceal. Para indústria ou comércio.

Nesta redacção se informa.

Troque a sua bateria por uma

Autosil

MAIOR RENDIMENTO
MAIOR ECONOMIA
Consulte o Agente

em LOULÉ

Manuel Francisco Guerreiro

Largo Gago Coutinho
Telef. 36

Maravilhosa Excursão a PALMA de MAIORCA

de 2 a 20 de SETEMBRO

VISITANDO:

Sevilha, Cordoba, Albacete, Valência, Tarragona, Barcelona, Palma de Maiorca, Lérida, Zaragoza, Guadalajara, Madrid, Toledo, Cáceres, Badajoz, Elvas, Estremoz, Évora e Ferreira do Alentejo.

Num magnífico autopulmann
organização da

Agência Peninsular de Viagens e Turismo

Direcção de

Manuel Arcanjo Viegas

Telefone 216

Rua Conselheiro Bivar, 58

F A R O

PEÇA
PROVE
BEBE

COMPAL



SUMO PURO
DE LARANJA

SEM CORANTES NEM CONSERVANTES

Depositários no ALGARVE:

ANTÓNIO LÃ & FILHO, L.ª

Largo do Carmo, 63 - 70 — FARO

Telefone 91

Máquina de Tricotar



TÃO SIMPLES, QUE DA PRAZER TRICOTAR:

sem pesos, nem platinas, assenta em qualquer móvel e executa todos os pontos imagináveis, trabalhando com todos os fios.

10 anos mais antiga que todas as marcas, atingiu em 1958, 52% da exportação total suíça, ao lado de 12 marcas concorrentes.

NA PASSAP O TRABALHO NÃO ENCOLHE

A prestações mensais desde 112\$

Agente local:

José Guerreiro
Martins Ramos

Rua de Portugal, 29-31

LOULÉ

TRESPASSA-SE

Por motivo de retirada trespasa-se o Restaurante Conde (junto ao Mercado).

Tratar com os proprietários.

Vendem-se

- 2 courelas de mato, com alforobeiras, no Serro de Maio;
- 2 courelas de mato, com alfarrobeiras e amendoeiras, nos sítios dos Matos e da Cova;
- 2 courelas de regadio, nas terras verdes de Quarteira.
- Vários prédios em Loulé e Quarteira.

Aceita propostas o proprietário J. Manuel Gallo — Rua Filinto Elísio, 3-1.ª-Dt.ª — LISBOA.

NÃO COMPRE

Motores Eléctricos,
Diesel e a Petróleo

sem primeiro visitar o

STAND

de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 a 33

— LOULÉ

Turismo no ALGARVE

(Continuação da 1.ª página)

do nosso tempo. De contrário, o nível de vida mais elevado por que aspiramos será sempre a grande utopia e continuaremos a fazer equilíbrio de cada vez que um ou outro acontecimento agita um pouco as condições do comércio do figo ou da alfarroba. Há que encontrar uma saída que nos salve do marasmo.

Ora é para isso que é necessário que abramos os olhos, que prestemos atenção à maravilhosa realidade que nos cerca, que pensemos no que aconteceria se a mostrássemos a quantos, por esse mundo fora, cada vez mais sentem em si a ansia de deleitar o espírito na contemplação de qualquer coisa de irreai como uma Ponta da Piedade, ou de se emocionarem na vivência do ambiente ciclópio e selvagem de um Promontório de S. Vicente.

O turismo é a indústria do nosso século. É ele o pilar da economia de países como a Suíça, e o arauto de regiões como a Riviera, Capri e tantas outras, cuja beleza quantas vezes se não encolheria se as colocássemos ao lado da nossa.

Nós tivemos a graça de nascer numa terra excepcionalmente dotada de condições turísticas. Se fecharmos os olhos à via, que, por esse lado, a Providência nos abriu, jamais poderemos ocupar o lugar de destaque que, naturalmente, pretendemos.

3 — « — Mas, para quê todo este arrazoado? Há turismo no Algarve, todos os verões as nossas estradas se enchem de carros estrangeiros! Temos nas amendoieiras floridas o nosso cartaz turístico. Para quê mais? »

Não. É preciso que deixemos de nos enganar a nós próprios. Porventura, já o leitor pensou na imensa quantidade de turistas, que constantemente se espalham por esse mundo fora? Como lhe podem encher os olhos umas dezenas de matrículas estrangeiras que nos passam de fuga pelas estradas? Melhor seria se nós pensássemos nas que poderiam vir, e ficar, se tivéssemos, realmente, turismo.

Faz-se turismo... mas que turismo? Uma dezena de indivíduos com a cabeça cheia de mitos, esperando ver sair uma moira encantada debaixo de cada amendoieira, ou uma mulher de rosto velado à esquina de cada casa. Ou então excursionistas que vêm, em Março, ver as amendoieiras em flor. Parece-me que, pretender construir alguma coisa sobre estas bases, é estar de antemão destinado ao fracasso.

4 — É certo que alguma coisa de sério se tem tentado e conseguido, designadamente nos últimos tempos. Mas não bastam acções isoladas, sem dúvida meritórias, mas, forçosamente fracas, sem envergadura, desordenadas e antiquadas. É preciso estruturar o nosso turismo em bases sólidas, buscar as iniciativas e enquadrá-las num vasto plano comum, que encare o problema em todos os seus aspectos. Ora, é para essa acção que são impotentes as forças de dois ou três particulares de boa vontade mas de poucos recursos.

(Continua no próximo número.)

SUBAGENTES

Precisam-se para venda de rádios, máquinas de costura, artigos domésticos, etc..
Carta a este jornal ao n.º 25.

Trespasa-se

Por motivo de retirada, trespasa-se estabelecimento de mercearias, com frentes para a Rua Serpa Pinto Praça Dr. Oliveira Salazar.
Tratar com o proprietário.

Fernanda Pintassilgo

Proprietária da

CASA DAS MALAS

Participa às suas Ex.ªs Clientes e a todas as senhoras que acaba de ampliar o seu ramo de negócio abrindo um estabelecimento de venda ao público na

RUA 5 DE OUTUBRO, 55-57

onde tem à venda um grande sortido de malas de mão, sacos de praia, cintos e outros artigos de sua fabricação, e ainda combinações de malha de seda.

Executam-se modelos de encomenda em qualquer material próprio para malas, sacos ou cintos e fazem-se consertos.

No seu próprio interesse faça uma visita à

Casa das Malas

que acaba de transferir-se do Largo D. Afonso III (Largo do Chafariz) para a Rua 5 de Outubro.

PRAIA DE QUARTEIRA

(Continuação da 1.ª página)

a defender da invasão das areias.

— Mas, senhor Presidente, uma vez que a Junta de Turismo pretende dar início às obras de carácter turístico, não lhe parece que era altura de se construírem os armazéns de pesca, no lado poente da Praia, assim como o varadouro que vem indicado no ante-Plano de Urbanização?

Parece que já era tempo de dar satisfação às inúmeras reclamações dos habituais frequentadores da Praia...

— E têm toda a razão para o fazer, mas, que quere? Não obstante os inúmeros pedidos, quer pessoais, quer através de ofícios às diferentes entidades oficiais, não só no meu tempo, mas antes, mantém-se um estado de coisas aqui que não encontra semelhança noutras Praias.

Fala-se em direitos dos pescadores — mas em toda a costa portuguesa os direitos são iguais. E a única praia onde os pescadores sujam a zona balnear, é a de Quarteira.

Infelizmente, é esta a realidade dos factos.

— Li há muito pouco tempo um artigo no *Diário Popular*, do grande regionalista algarvio que é Neves Franco, pugnando pela construção de residências higiénicas e confortáveis nas nossas Praias, como único meio de desenvolver o Turismo algarvio. Apontava até o exemplo do governo da Grécia que encarregou uma empresa de construir blocos residenciais no total de 3.000 quartos, em vários locais turísticos do seu País, para resolver o problema dos alojamentos.

— Eu lhe conto: quando, em 1943, o então presidente da Junta de Turismo de Quarteira, se dirigiu ao Secretariado Nacional de Informação, pedindo a construção aqui de uma pousada ou pensão que resolvesse o problema do alojamento dos turistas, foi respondido que a Junta de Turismo tinha meio de o fazer, através de um empréstimo caucionado pelas receitas da própria Junta, visto que os serviços do Secretariado ajudariam na parte técnica e na decoração. Depois de 1954, com a promulgação da Lei de Fomento do Turismo, prevê-se o auxílio financeiro para a construção deste edifício.

— Mas a exploração da rede de energia eléctrica em Quarteira não cerceia demasiado as receitas da Junta?

— Os encargos provêm, sobretudo, do facto da Câmara não poder dotar suficientemente a Junta de Freguesia, e esta dizer que não pode dispor de maior quantia, para pagar a iluminação pública de Quarteira, pelo que apenas está entregando \$40 por kwh. Para não haver deficit maior nesta exploração, é o público obrigado a pagar o kwh a \$400. Uma vez, porém, que a Junta de Turismo vai transacionar com a Câmara de Loulé a sua rede e os contadores, as receitas da Junta...

Propriedades

Vendem-se propriedades de regadio, na Cumeada, junto ao Morgado de Quarteira.

Informa: Teodoro Gonçalves Silva ou Francisco Correia (Caçador) — Boliqueime.

TONÉIS

Vendem-se 2 tonéis para vinho, de 5.000 litros cada; 2 para 3.000 e 1 para 2.800 litros.

Nesta redacção se informa.

ceitas da Junta vão ser em grande parte empregadas na obtenção de um empréstimo para, com os donativos do Fundo de Turismo, se poderem pôr de pé os projectos de que falámos anteriormente.

— Na verdade, tal obra, a realizar-se, representa um empreendimento de vulto para o nosso meio, e tanto assim que muita gente se admira como foi possível construir-se em Armação de Pera o Casino que ali se vê.

— É pena, porém, que os particulares também não ocorram com as suas iniciativas, como se vê no Norte do País, tanto mais que o Fundo do Turismo facilita empréstimos com juro muito baixo e amortizações a longo prazo.

A Junta está à disposição de todos eles para os ilucidar convenientemente sobre o modo de actuar.

— E propriamente sobre a higiene da Praia, sobre a qual o ano passado houve várias reclamações, que vieram a lume neste jornal?

— Na Praia, tal encargo compete à Delegação Marítima que, com a sua Polícia privativa, vela para que a higiene não seja apenas para inglês ver: — Neste capítulo, é preciso que não se dê a impressão de desleixo e incuria. Porém, o grande público, que tanto gosta de criticar, devia ser o primeiro a zelar pela boa higiene, evitando que os mais crescidos sigam o exemplo das crianças que ainda não raciocinam...

Na povoação e ruas da Praia a Junta de Freguesia parece estar firmemente disposta a actuar. A nossa missão consiste em lembrar o que se faz nas outras praias, mais «civilizadas» do que a nossa.

Parece-me mesmo que esse é o critério orientador do Secretariado Nacional de Informação, quando convida os presidentes das Juntas e Comissões de Turismo, a reunirem-se periodicamente e VEREM o que de progressivo existe em regiões diferentes.

Como sabe, este ano a reunião dos presidentes dos Órgãos Locais de Turismo terá lugar em Faro.

— Pois, sr. Presidente, parece que ainda há alguns assuntos a focar, visto que me consta que a corrente época balnear vai ser notável em assuntos turísticos. Por isso, se não se importa voltaremos a roubar mais alguns minutos aos seus afazeres.

— Se o sr. director deste jornal não se importar, estarei à sua disposição. Mas repare bem que o conselho de Loulé tem mais 8 freguesias que também tem os mesmos direitos...

Luis Sebastião Peres

A Realidade Carística ALGARVIA

(Continuação da 1.ª página)

no homem; a sua origem é histórica e civilizadora. Mar algarvio; de portentosa beleza; envolve manifestações de espírito surpreendentes. Admirai o majestoso monumento que é SAGRES.

Apreciai, ó gentes, a Serra Algarvia, onde a altura é excelss ventura, por não estar na proporção humana. Ali, na Serra, interrompe-se a vida. Ali, está a sumptuosidade, a superioridade das coisas incorruptíveis, porque cintilam pela limpidez dos fundamentos. Ali não se conhecem perturbações; é a Montanha, o limite dos Céus.

Debruça-te turista sobre essa varanda natural e não verás mais que uma exposição extensa, inolvidável, e, suspenso na tranquilidade serena da grandeza, contemplarás a luz eterna da Natureza.

Fizemos pelo menos com a esperança de que os poderes públicos empreguem realmente os seus esforços, para que a realidade turística algarvia surja um dia aos olhos de toda a gente.

Arnaldo Martins de Brito

AZINHO

VENDEM-SE cerca de 2.000 azinheiras, na Herdade da Magra, freguesia de Ervidel, em conjunto ou separado.

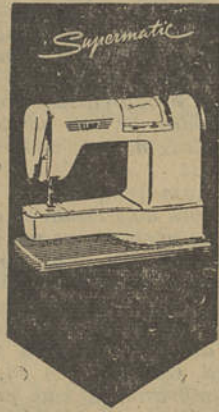
Dirigir a Joaquim Vilhena Ramires Ramos — ERVIDEL — Baixo Alentejo.

MONTE

VENDE-SE um monte com terra de semear, casas de habitação, cisterna e todas as dependências agrícolas, no sítio de Betunes, junto à Estrada Nacional Loulé-S. Brás.

Tratar com António Calico — Barreiras Brancas — LOULÉ.

Máquina de Costura ELNA



Indústria Suíça

A mais moderna de maior avanço na técnica, em todo o Mundo. Com 66 discos executa uma imensidade de linhos bordados, mais parecendo uma magia

FAZ O PONTO AJOUR COM DISCO, PONTO PARIS, CASAS ETC.

Agente local:

José Guerreiro
Martins Ramos

Rua de Portugal, 29-31

LOULÉ

FILATELIA

BOLETIM DO CLUBE FILATÉLICO DE PORTUGAL

Com 42 páginas muito ilustradas e excelentemente apresentadas, e com uma tiragem de 3.500 exemplares, saiu o n.º 96, correspondente ao mês de Julho, do «Boletim do Clube Filatélico de Portugal».

Insere 21 páginas sobre a recente exposição filatélica Internacional, «Interposta 59», com artigos dos srs. Prof. Doutor Carlos Trincão, Dr. Vasconcelos Carvalho e Henrique Mantero, com fotografias dos 13 ilustres filatelistas premiados, e com a reprodução de muitas das melhores preciosidades filatélicas portuguesas.

Os pedidos desta revista podem ser dirigidos à sede do Clube, Avenida de Almirante Reis, 70-3.º Dt.º, em Lisboa.

QUARTEIRA

Aluga-se casa mobilada, para o mês de Setembro, com água e luz, junto à praia.

Informa na Avenida Marçal Pacheco n.º 53 — Loulé.

Vendem-se

- 2 courelas de mato, com alfarrobeiras, no Serro de Maio;
- 2 courelas de terra de semear com alfarrobeiras e amendoieiras, nos sítios dos Matos e da Cova;
- 2 courelas de regadio, nas terras verdes de Quarteira.
- Vários prédios em Loulé e Quarteira.

Accepta propostas o proprietário J. Manuel Gallo — Rua Filinto Elísio, 3-1.º Dt.º — LISBOA.

CASAS em QUARTEIRA

ALUGAM-SE para a época balnear, 2 moradias na Rua Vasco da Gama, 51 a 53.

Tratar com Joaquim Manuel Galo, Rua Filinto Elísio, n.º 3-1.º Dt.º — LISBOA, ou nas mesmas moradias.

Hospital de Loulé

(Continuação da 2.ª página)

pessoa que quisesse tomar conta dele; deste modo o hospital representava a maior afronta que se poderia fazer ao pobre. Não era porque os médicos fossem desatentos ou não possuíssem o saber suficiente para tratar; o hospital é que não reunia as condições necessárias para acudir ao doente.

Um médico e uma Revolução

Foi o Dr. José Bernardo Lopes que, como médico e director clínico do Hospital, veio atenuar esse preconceito de morte certa! O Hospital começou a ser frequentado por mais doentes, estes passaram a ter mais confiança no médico que, diga-se em abono da verdade, passou a olhar o doente com mais cuidado e muito mais saber. As curas já não eram uma excepção, eram a regra geral. O Hospital adquiriu ambiente, adquiriu vida e adquiriu saúde mental. Novas enfermarias, novas dependências, aquisição de material cirúrgico, raios X, etc., tal foi a revolução que pôs termo ao hospital-morgue.

O DR. FRADE, UM MEDICO QUE SERVIU O HOSPITAL

Por tudo isto, e pela clínica gratuita ou semi-gratuita que praticou cá fora, a população de Loulé está profundamente reconhecida ao Dr. Bernardo Lopes e, mais que reconhecida: venera a memória deste médico. Outro tanto poderia dizer-se do Dr. António Frade, mais um médico que não serviu o Hospital e que muito mais teria feito, se a fatalidade não tivesse entravado a sua acção com uma doença pertinaz e uma morte prematura, fez há pouco quatro anos.

Para alguém que o aconselhava o que se tratasse e suspendesse a clínica: «Se a minha vida, que será breve, puder servir para dar vida a outrem, com melhores condições do que eu, creia que me dou por compensado». O Dr. Bernardo Lopes sobreviveu-lhe pouco mais de um ano, pois morreu em 31 de Julho de 1956, fez agora, portanto, três anos.

Um grande operador e um abalizado médico

Estes factos antecederam a vinda para Loulé do actual director clínico do Hospital, o Dr. Manuel Cabeçadas, e estão com essa vinda relacionados, como vai ver-se:

Foi na clínica que ainda hoje ostenta o nome «Dr. Frade» que o actual director do Hospital começou a trabalhar em Loulé. Não vou dizer que a reputação de grande operador se fez aí para o Dr. Cabeçadas, porquanto essa reputação já vinha feita de Lisboa, onde os valores se colhem por cima; na clínica apenas se confirmou o que toda gente sabia: um médico e um cirurgião digno de emparceirar com os melhores, pois os resultados então colhidos contam-se, muitos deles, por verdadeiros milagres da ciência.

Se o receio de ferir a modéstia por um lado impõe silêncio ante a pessoa que se considera, pelo outro a voz da consciência ordena que se diga a verdade e classifique de covardia não usar daquele qualificativo que o mérito justifica. Por esta última razão, esperamos que o Sr. Dr. Cabeçadas nos releve a quebra do silêncio absoluto, do tal silêncio que pactua com o preconceito e obnubila a razão ante o receio de ferir modéstias, certos do apoio que resalta dos números referidos na altura própria e do testemunho substancial que os factos confirmam diariamente.

Hoje o Hospital é procurado por ricos e pobres

A circunstância dum grande operador ante a vaga que se deu com a morte do Dr. Bernardo Lopes, levou a gente de Loulé a de-

sejar o Dr. Cabeçadas à frente do seu hospital, o que aliás só se conseguiu ao cabo de grandes demarches — assinaladas por reiteradas instâncias — e em tão boa hora o fez que a sua obra sobrepesa hoje numa imensidade de coisas, desde o pequeno pormenor até aos trabalhos agora recomeçados, refundindo-se em todo o movimento que o Hospital tem tido: operações realizadas com seguro êxito; doentes tratados nas enfermarias, muitos deles sob a designação de pobres; tratamentos no Banco; clínicas especializadas em diversos ramos, donde resulta um grande número de consultas, etc. Por esta forma verifica-se que o Hospital de Loulé está integrado na sua verdadeira missão e está a desenvolver uma obra social do maior alcance. Tudo isto tem levado o Dr. Cabeçadas, coadjuvado pela Mesa da Santa Casa, a despendermos um esforço enorme, já promovendo batalhas de flores para aumento da receita, já servindo-se da sua grande influência pessoal para obter concessões e donativos a favor da casa que dirige. Hoje o Hospital está vasado em moldes modernos, é mais uma casa de saúde, procurada por ricos e pobres, do que um desses antigos estabelecimentos onde o doente espera e desespera, contribuindo, para o bom resultado de tudo, o asseio, a disciplina e a ordem que se notam por toda a parte. O serviço operativo tem sido assombroso em relação à categoria do hospital, podendo dizer-se que não se passa um único dia sem que ali se faça uma operação, grande ou pequena, como pode verificar-se pelos números atrás referidos.

E se a Vila não é tão grande que justifique esse elevado número, de onde vêm, então os operados? — De todo o Algarve, do Baixo Alentejo, e doutros pontos. E maior seria ainda a afluência se o Dr. Cabeçadas não operasse fora do Hospital: em Olhão, onde assinou um contrato na Casa dos Pescadores, salvo erro; em Lisboa, aonde se desloca todas as semanas; e em Loulé, na casa de saúde «Dr. António Frade».

No dia em que passámos pelo Hospital, a enfermaria das mulheres tinha a lotação esgotada, segundo informação da enfermeira D. Maria Libânia Marum, uma senhora que reúne os melhores predicados para assistir a doentes; a dos homens estava em regime improvisado por motivo das obras. Os dados colhidos nesta resenha foram-nos sollicitamente fornecidos pelo sr. José da Luz, um funcionário qualificado, encarregado da escrita.

Um novo aparelho de Raios X

Vamos terminar. Antes, porém, queremos fazer referência a um aparelho de raios-X, cuja aquisição acaba de ser feita mediante o preço de quatrocentos contos, do qual se esperam resultados que virão melhorar bastante o serviço da especialidade.

Uma grande lição e um fim

Loulé, com o seu hospital, tem dado uma lição de trabalho e de civismo a quantos dela se queiram aperceber. As batalhas de flores não têm servido somente para folgores; não têm sido flores mortas atiradas ao pavimento da rua ou à carroça do lixo; antes têm sido um vislumbre de festa que tem deixado atrás de si um rastro de luz e de vida a repercutir-se na saúde dos doentes e nas esperanças dos que já poucas esperanças tinham.

É preciso que todos se convençam que no Hospital cada um tem a sua pedra, e que essa pedra, tanto pode ser um adobe medido na parede como uma pedra polida a cobrir uma mesa de cabeceira. Só assim o Louletano poderá parar em frente do seu hospital e dizer: Este monumento é a consagração de todos os filhos da Terra, próximos ou afastados, é o traço de união que une o passado ao presente e o presente ao futuro, porque representa um esforço em que todos se immanaram ao sopro do mesmo ideal, e uma vontade em que o homem se supera a si próprio para subir ao mais alto da montanha, à cruz alta dos sacrifícios.

Gil Brasino

ARTIGOS DE PRAIA

Casa Bambi

em FATOS DE BANHO para senhora e criança

Praça da República, 94

LOULÉ

GRANDE BAIXA

em tanques lava roupa: 75\$00 cada

Lava-louças em marmorite de vários tamanhos: Desde 75\$00 a 120\$00

Azulejos brancos de 2.º a 1\$20 cada

» » » 3.º » \$85 »

Louças Sanitárias a Preços sem concorrência

Casa João de Oliveira

Avenida Marçal Pacheco

LOULÉ

Notícias pessoais

ANIVERSÁRIOS

Fazem anos em Agosto:

Em 8, a sr.^a D. Florinda da Palma Claudio.

Em 18, o menino João Manuel Rodrigues Guerra.

Em 21, o sr. Cândido Vieira Coelho e a menina Dora Maria Serafim Campina.

Em 22, o sr. Joaquim Hipólito Pinto Lopes, nosso prezado conterrâneo, residente em Lisboa.

Em 23, o sr. Francisco Lopes Madeira, residente em Vila Real de Santo António, e a menina Dina Maria Santos Guerreiro.

Em 24, a menina Diamantina Antonino Baeta.

Em 25, a menina Aura Maria Martins Farrajota.

Em 26, o sr. José de Sousa Valinhos, residente na Venezuela.

Em 27, o sr. José Maria Carilho.

Em 30, a sr.^a D. Lídia Martins Seruca Machado, residente em Lisboa, e os srs. Manuel Bento Guia, residente em Grândola; Humberto Carapeto Melenas, Faustino José Pires e José Martins Rainha, residente em Coimbra.

Em 31, a menina Raimunda Maria Garcia Lourenço.

PARTIDAS E CHEGADAS

Com suas filhas e esposa, sr.^a D. Maria Cristóvão Mealha das Ramos, está a passar as suas férias em Quarteira o nosso querido amigo e estimado assinante em Faro sr. Capitão Fausto Laginha dos Ramos.

Com sua família, está a passar as suas férias em Loulé o sr. Dr. José Viegas Louro, professor do ensino secundário em Lisboa.

De visita a sua família, esteve em Loulé o nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. Orlando Rafael Pinto, acompanhado de suas filhas e esposa sr.^a D. Maria Eduarda Sá Pereira Pinto.

Em gozo de férias, está em Loulé, o nosso conterrâneo e prezado assinante sr. João Maria Martins da Silva, funcionário judicial em Lisboa.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o nosso estimado amigo e assinante em Coimbra sr. Dr. Francisco de Sousa Inês.

Com sua família, encontra-se em Quarteira a veranear o dedicado Presidente da Junta de Turismo desta Praia, sr. Dr. António de Sousa Pontes, nosso prezado amigo e dedicado colaborador.

Acompanhado de sua esposa e filhos, encontra-se a veranejar na Praia de Quarteira, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Maria Sousa Luís dos Ramos, funcionário do Banco de Portugal em Aveiro.

Em gozo de férias encontra-se em casa de seus pais a sr.^a D. Maria Amélia Ramos Elias.

Em gozo de férias esteve em Quarteira com suas filhas e esposa, sr.^a D. Maria de Lourdes Vicente de Brito da Luz, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. Efigénio Carapeto da Luz, Director da Companhia de Seguros «Atlas».

Em gozo de férias, encontra-se em Loulé o nosso conterrâneo, prezado amigo e assinante sr. Padre Analide Coelho Guerreiro, aluno da Faculdade Teológica de Roma.

Na companhia de seu filho, Michel de Sousa, há muitos anos residente em Paris, esteve em Loulé o nosso prezado assinante em Setúbal sr. José Paulino de Sousa.

Em digressão turística pela Espanha, França, Alemanha, Bélgica, Holanda e Suécia, partiram há dias de Loulé, o nosso prezado assinante e amigo sr. Eng.^o Manuel José da Silva Pereira e sua esposa sr.^a D. Maria José Rocha Carapeto da Silva Pereira.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta redacção o nosso prezado amigo e assinante em Évora sr. Mariano Guerreiro Domingues, regente da Banda União Margal Pacheco, desta vila.

—Acompanhado de sua família, retirou há dias para Angola o nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Francisco Júnior, tesoureiro de Finanças em Vila Lusó.

— Com sua esposa, encontra-se a veranejar na praia de Olhos de Água, o nosso prezado assinante sr. Manuel Cabrita Sequeira.

— De visita à terra natal e a sua família, encontra-se entre nós na companhia de seu filho e irmã sr.^a D. Custódia Estêvão de Guerreiro, o nosso prezado assinante na Argentina sr. José Estêvão Rafael.

— Encontra-se a passar as suas férias em Caldelas a sr.^a D. Libânia Urbano Marum.

— Também esteve na nossa redacção o sr. Manuel Joaquim Guerreiro, nosso conterrâneo e prezado assinante em Lisboa.

— Em casa de sua tia, encontra-se nesta vila em gozo de férias o menino Francisco José Barros Ferro, filho da nossa conterrânea sr.^a D. Josefina da Piedade Barros Ferro.

— Retirou há dias para Lisboa, onde vai fixar residência, o nosso prezado assinante e amigo sr. Manuel Martins Campina, que há anos residia em Faro.

— Em viagem de recreio pela Europa partiram há dias de Loulé as sr.^{as} D. Elisa Oliva Júdice de Meneses, D. Maria Irene Viegas Pires Leal e os srs. José António Júdice de Meneses e Francisco Pinto Leal e os eninos José Manuel Leal Júdice Meneses e Carlos Manuel Viegas Pires Leal e a menina Francisca Leal Júdice de Meneses.

— Encontra-se na Praia de Quarteira, colaborando com a Junta de Turismo na organização de festivais a realizar no seu Parque de Diversões, o nosso colaborador e prezado amigo sr. Arnaldo Martins de Brito, dinâmico membro da Comissão de Festas da Casa do Algarve e grande defensor dos interesses da sua e nossa província.

— Em gozo de férias, encontra-se em Loulé, acompanhado de sua esposa sr.^a D. Alberta de Barros Gonçalves, o nosso conterrâneo e prezado amigo sr. Gilberto da Ponte Gonçalves, funcionário da Direcção de Finanças de Lisboa.

— Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o sr. Estêvão Coelho, que se encontra na Metrópole em gozo de férias e há cerca de 20 anos não vinha a Loulé, onde conta numerosos amigos e familiares.

— Também vindo de Moçambique, encontra-se em Loulé, com sua esposa e filho, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Alvaro de Sousa Gonçalves, que veio à Metrópole em gozo de férias.

— Acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Ilda Maria Gonçalves Barracha Cinfuentes, vimos nesta o nosso prezado assinante sr. Carlos Pedro Guerreiro Cinfuentes.

CASAMENTOS

— No pretérito dia 26 de Julho, realizou-se na Igreja dos Anjos, em Lisboa, o auspicioso enlace matrimonial da nossa conterrânea sr.^a D. Ilda Maria Gonçalves Barracha, prezada filha do nosso prezado assinante e amigo sr. José de Brito Barracha e de sua esposa sr.^a D. Maria das Dores Gonçalves Barracha, com o nosso prezado assinante sr. Carlos Pedro Guerreiro Cinfuentes, empregado de escritório da CUP, em Lisboa, filho do sr. Capitão João Colares Cinfuentes e de sua esposa sr.^a D. Adeline Madeira Guerreiro Cinfuentes.

Apadrinharam o acto, por procuração, a sr.^a D. Maria José Seia Sousa Ramos, representada pela sr.^a D. Maria Gertrudes Seia Mendes e o tio da noiva sr. Francisco de Brito Barracha, representado pelo sr. Eng.^o Domingos Manuel Brito Mariano e por parte do noivo seus tios sr.^{as} D. Maria Madeira Guerreira Madeira e o sr. Dr. José Pedro Guerreiro.

Proeza Justificável

Sem alardes publicitários, três pequenas traineiras construídas em Vila Real de Santo António, a «Bérrio», a «S. Gabriel» e a «S. Rafael», 16, 18 e 20 metros respectivamente, cruzaram os mares num percurso de 4.600 milhas, para chegar a Porto Alexandre, no sul da costa angolana encomendadas por um particular aos estaleiros de um mestre algarvio.

Arrostaram tempestades, passaram longos dias vendo só o céu e mar, mas norteavam-as um objectivo determinado: entre ao serviço de quem as encomendara.

Não obstante os seus nomes evocativos das primeiras caravelas de Vasco da Gama, a «Bérrio», a «S. Gabriel» e a «S. Rafael», cumpriram a sua proeza num anonimato quase absoluto. Ligaram, mais uma vez, pelos seus precários meios, os dois pólos de uma rota que está na tradição dos marítimos algarvios, eles que outrora, partindo precisamente do extremo sul de Portugal foram os primeiros colonos dos confins de Angola. São descendentes de algarvios muitos dos actuais habitantes de Porto Alexandre, Baía dos Tigres, Moçamedes.

Mas talvez, por se tratar de um acto plenamente justificado a publicidade mundial nem sequer lhe repara, pois o que parece interessar hoje em dia é o inútil, o absurdo. Quanto a nós preferimos o que se faz, por que tem de ser feito.

(Do «Diário Ilustrado»)

0 5.º aniversário da Farauto, L.da

Com um almoço de confraternização, levado a efeito no passado dia 28 na Pousada de S. Brás, festejou a importante firma Farauto, L.da, o 5.º aniversário da sua fundação, reunindo para isso todos os seus empregados e alguns convidados.

Esta reunião serviu de pretexto para realçar o desenvolvimento da conceituada firma farense, e cujo fundador, proprietário e gerente, sr. José Mateus Horta, tornou uma das mais importantes da capital algarvia, através de uma decidida e enérgica acção que foi posta em destaque por quantos participaram nesta festa de confraternização, a todos os títulos simpática.

Apesar de os nossos afazeres não nos terem permitido assistir ao almoço, nem por isso podemos deixar de agradecer a gentileza do convite que nos foi dirigido e aproveitamos o ensejo para felicitar a Farauto, L.da, na pessoa do seu dinâmico gerente sr. José Mateus Horta, pela comemoração do 5.º aniversário da fundação de uma firma que honra a cidade onde está instalada e formulamos votos para que continueu singrando progressivamente.

Após a cerimónia foi oferecido aos convidados um finíssimo «copo de água» servido pelo restaurante da «Casa do Alentejo».

Os noivos vieram para o Algarve em viagem de núpcias e fixaram a sua residência em Queluz. Ao novo casal desejamos as maiores felicidades.

—Consoante-se no passado dia 25 de Julho em Lisboa, a nossa conterrânea sr.^a D. Lídia de Barros Guerreiro Pereira, farmacêutica, proprietária da «Farmácia Algarve», da Avenida de Roma, em Lisboa, filha de D. Francisca Vasco Barros Pereira e do sr. Francisco Guerreiro Pereira, antigo comerciante da nossa praça, já falecidos, com o sr. Jacinto Pereira, natural de Coimbra, farmacêutico, proprietário da «Farmácia do Intendente», em Lisboa, filho da sr.^a D. Eugénia Augusta Marques Perdigão e do sr. Jacinto José Pereira.

Paraninfaram o acto por parte da noiva seu irmão o sr. José Guerreiro Pereira e a sr.^a D. Sebastiana Ascensão Gomes Pablos e por parte do noivo seus pais. Os noivos que continuam a residir em Lisboa, seguiram em viagem de núpcias para o estrangeiro.

FALECIMENTO

Com a idade de 52 anos, faleceu em Faro, no passado dia 30 de Julho a nossa conterrânea sr.^a D. Maria do Carmo Sousa Luis, professora do ensino primário em Olhão e residente em Faro há alguns anos.

A saudosa extinta, muito conhecida e estimada em Loulé, onde gozava de gerais simpatias, era casada com o industrial da nossa praça sr. Francisco Miguel Faisca, mãe da menina Marília Sousa Luis Faisca e irmã das sr.^{as} D. Maria de Jesus Sousa Luis Ramos, D. Maria Luísa Sousa Luis Amâncio, D. Maria Irene Sousa Luis da Luz, D. Maria Vitória Sousa Luis, D. Maria Celina Sousa Luis Ramos e D. Manuela Sousa Luis Bartolomeu e do sr. Sebastião Sousa Luis, nosso prezado assinante em Angola.

A família enlutada apresentamos as nossas sentidas condolências.

De louletano para louletano

(Continuação da 1.ª página)

ou caia das alturas do Céu quem a ela presidia.

Ao ser lançada a ideia do monumento ao Dr. Bernardo Lopes, previa-se que se trataria da concretização de um sentimento de pública admiração e agradecimento, que ele traduziria a manifestação espontânea de quantos receberiam do insigne médico benefícios dos muitos que espalhou e que a comissão seria apenas um elemento de ordenação, orientação e execução, sem esquecer que não é possível aguardar que cada um traga a sua contribuição.

O público está habituado, mal mas está, à recolha das suas contribuições por via de actividade de quem delas seja depositário. Parece ter falhado aquele intuito, que daria ao monumento uma grandiosidade moral de que ficaria longe a sua concretização material, por mais rica e artística que fosse.

É uma aparência, mera aparência, cremos, mas, de qualquer forma, se a dívida não for paga com a generosidade, merecida, que o seja com a justiça indeclinável e fazê-la competir ao Município, como órgão representativo de todo o concelho. Que, em última análise, chame a si o problema e com a colaboração a solicitar de todos, o resolva e salve a honra deste desconjuntado convento.

Este estado de coisas e esta inércia, dos particulares, dos sectores oficiosos e oficiais, revela bem a vil tristeza a que se chegou nesta terra que era de gente briosa e unida, pelo menos nas coisas grandes de Loulé!

Amortecimento do bairrismo dos louletanos?

Preconceitos de ordem pessoal, de onde parece sentir-se que todos se vão odiando muito cordealmente?

Egocentrismos que espalham a cizania e estimulam isolamentos, ferem susceptibilidades, e aborrecem as boas intenções?

Seja o que for, o nosso bairrismo está doente e se não fora irreverência misturar coisas sérias com chocarices, diríamos que nova memória fúnebre será dentro em pouco aconselhável: o mau-sol em que piedosamente se recolhiam os restos mortais do que foi o brio e o bairrismo louletanos!

J. R.

Visado pela Com. de Censura

Triste fado o de Quarteira

Após um ano a lidar longe da terra Algarvia, vim aqui p'ra descansar e também para matar as saudades que sentia.

Estou há um mês na Quarteira — há por cá moças de truz! — e gosto da brincadeira que certa gente brejeira nos vai pregando co' a luz.

Acho aquilo divertido — cada um pensa o que quer! —, dá um certo colorido e não passa aborrecido quem à Quarteira vier.

Há dias tudo dansava, vai-se a luz e... mil gritinhos... pouco depois se escutava uns ais de quem desmaiava e muitos, muitos beijinhos.

Houve grande confusão, como era natural, e no meio da escuridão alguém disse: A Comissão está brincando ao Carnaval?!...

Ouviu-se um outro gritar: — Cale lá o gargante! De que lhe serve falar?!... O amigo tem de pagar e de enfiar «o barrete»!...

Tudo riu à gargalhada. — Um respondeu... o outro insiste só faltou uma guitarrada, p'ra animar a desgarrada, no tom plangente do «triste».

Porque a luz se vai embora e tanta vez se desterra, gente de cá e de fora fala mal a toda a hora do Turismo aqui da terra.

E o que dizem?... Tais horrores repetir nem é decente: — a intriga, meus senhores, anda à volta dos motores, liguem Quarteira à corrente

Velho rifão lhes exalto, de um conceito mui profundo, p'ra viver sem sobressalto: «Mais vale andar no mar-alto, que andar nas bocas do Mundo»!

Agosto 1959

Oscar Vicente

Notícias do Louletano e suas actividades desportivas

SECÇÃO ESPECIALMENTE DESTINADA AOS LOULETANOS RESIDENTES NO ESTRANGEIRO

O LOULETANO FOI A «VOLTA» E CHEGOU A MIRANDELA

Muita gente terá julgado um fracasso a participação do Louletano na «Volta». Nós achamos que foi um êxito! Muito terão aprendido esses moços de 19 anos nesses poucos dias que andaram na prova — essa «Volta» que tem sido tão dura! Tão dura como nenhuma se disputou até hoje em Portugal! (dizem os entendidos...) A dança diária da camisola, a amarela e as altas médias verificadas dispensam qualquer outro comentário. Têm fibra os nossos ciclistas! Têm fibra e têm valor! Alguns meses apenas andaram eles a «brincar» às bicicletas e só no mês que antecedeu a «Volta» seguiram uma preparação séria e intensiva.

Não foi incluído nessa preparação o corredor Delfim Baptista, que foi para a «Volta» com três (!) treinos e feitos na semana que a antecedeu.

Quanto a nós, merecem um bravo esses rapazes que levaram a equipa classificada por essas estradas de Portugal, correndo ao lado de grandes campeões e só caindo após a dura etapa da Guarda para Mirandela, por chegarem fora do controle, que não por desistirem! E já pelo caminho tinham ficado quarenta corredores dos 98 que partiram — e nomes grandes do ciclismo português!

É verdade! O Besouro continua ainda!

Não se poderá dizer que o Louletano tenha entrado na «Volta» com o pé direito. Logo no circuito do Estoril, sr. Baptista e Besouro não tiveram avarias ou quedas. Na primeira etapa de estrada, a 12 quilómetros de Cacilhas, Virgílio descolou do poletão por avaria mecânica e nunca mais lá foi... Viria a ser eliminado, apesar de ter feito 132 quilómetros sózinho e a média de 33 por hora! Primeira baixa na equipa.

Na etapa seguinte, um camião obrigou o João de Deus a sair da estrada e a ir... para o hospital de Lagos. Felizmente não houve novidade, a não ser a desistência forçada daquele ciclista.

DESPEDIDA

Manuel Martins Campina, tendo fixado residência em Lisboa e não lhe tendo sido possível despedir-se pessoalmente de todas as pessoas amigas e de suas relações, vem fazê-lo por este meio, oferecendo os seus limitados préstimos naquela cidade, na Rua de Arroios, 89-4.º-Esq.

Louletano Desportos Clube

CAMPANHA DE ANGARIAÇÃO DE FUNDOS PARA MELHORAMENTOS NO CAMPO DE JOGOS

Transporte, 5.597\$50 e 12,98 dólares.

Francisco Norte Portela, 20\$00 José Guerreiro Cavaco, 50\$00; Reinaldo Guerreiro, 20\$00; Manuel Cabrita Cortes, 30\$00; Subscrição na barbearia Rogério, 33\$00; Subscrição no Mercado Público, 25\$50; Manuel Filipe Laginha, 100\$00; Dr. Manuel Correia, 200\$00; José Ribeiro Ramos, 100\$00; José dos Santos Silvestre, 100\$00; Rifa de um fato (Bernardo G. Infácio) 880\$00; Humberto Jacinto Ferreira, 300\$00; Manuel Martins Guerreiro (S. Tomé) 200\$00; José Manuel Tavares dos Santos, 45\$00; Anónimo, 180\$00; João Barros Madeira, 20\$00; Armando José Mendonça Filho, 20\$00. A transportar, 8.152\$00.

SUBSCRIÇÃO na VENEZUELA

Delfim Baptista (pai), 30 bolívares; Afonso José Guerreiro de Sousa, 20 bolívares; Alvaro Leonel da Silva Pinto, 20 bolívares; Filipe Luis Gonçalves, 10 bolívares; António de Sousa Cristina, 10 bolívares; Manuel Pedro Guerreiro, 10 bolívares; José Rodrigues, 5 bolívares; José Gonçalves Velhinho, 10 bolívares; Manuel Correia João, 50 bolívares; Albino Neto Sousa, 10 bolívares; Manuel Eusebio Deonísio, 20 bolívares; José de Sousa Café, 10 bolívares.

Total, 215 bolívares. Manuel Sousa Campina — Caracas, 30 dólares; Manuel Gomes Neves, Canadá, 2 dólares; Vitorino Domingos Eusebio, Canadá, 2 dólares; Joaquim Lopes Guerreiro, Caracas — Venezuela, 2,98 dólares; Januário de Sousa Caligó, 6 dólares; Nuno da Silva, — Nova Iorque, 142\$50.

Total a transportar, 8.294\$50; 215 bolívares e 55,96 dólares.

A etapa de Moura levou o José António à eliminação, e daí para diante foi o martírio de Delfim Baptista. A sua inferioridade física e as avarias mecânicas que o perseguiram diariamente, obrigaram aquele ciclista a um esforço tremendo, esforço que viria a terminar com um ataque de apendicite, que o levou à eliminação em Mirandela — eliminação mas não desistência!

O João Carlos foi vencido pela serra de Bornes. Muito aguentou este rapaz! Nunca esperamos que chegasse a Mirandela — mas chegou!... Fora do controle, mas chegou. E chegaria ao fim se o não eliminassem...

Valério abandonou a «Volta», não por inferioridade. Estava mesmo em excelentes condições e no melhor da sua forma. Mas viu regressar os colegas de equipa e o carro de apolo e não quis continuar agregado a outra equipa. E foi pena, pois podia dar companhia ao Besouro até Lisboa.

É pronto. Esta é a descrição, a traços largos, do que foi a actualização do Louletano na «Volta». Para uma equipa de jovens estreantes, parece-nos que não terá sido tão mau como poderá parecer à primeira vista.

Foi lançada a semente do rejuvenescimento do ciclismo no Louletano, a semente germinou e agora só resta aplicar-lhe o «tratamento» necessário para que se desenvolva rapidamente, pois o ambiente é dos melhores.

Como estava anunciado, teve lugar na pista da Campina o final da etapa contra-relogio, Tavira-Loulé e, no mesmo dia, à tarde, uma etapa completa na mesma pista, que terá proporcionado aos Louletanos o maior festival de ciclismo que jamais se realizou em Loulé.

Apesar de ser dia de semana, gente de todo o Algarve se deslocou a Loulé para assistir ao festival, e o comércio da terra encerrou as portas para ir ao Estádio da Campina.

Graças à boa vontade e esforços de grande número de Louletanos, já foi possível receber a «Volta» com a pista da Campina completamente vedada.

O muro de vedação ficou concluído dias antes. Foi um esforço enorme! Mas valeu a pena.

Estava bonito o Estádio da Campina! O muro caído de branco, salpicado de cartazes da «Organização Diário Ilustrado» e emoldurado por uma assistência como nunca terá visto, deu à terra o ambiente dos dias de grande festa — festa de Carnaval ou Mãe Soberana!

Após o festival da tarde, de que saiu vencedor o consagrado Alves Barbosa, as centenas de carros que a «Volta» trouxe a Loulé, deram à Avenida José da Costa Mealha e a toda a vila, em geral, um movimento digno de grande festa.

A rádio, televisão e representantes de todos os jornais do país, levaram ao mais ignorado recanto de Portugal o nome de Loulé — e em letras grandes! E só por isso valeria a pena continuar, pois o desporto é um dos grandes meios para a divulgação do nome de uma terra.

Continuamos, pois, a acarinharmos e a desenvolver o ciclismo em Loulé.

A. N. G.

SER CHEFE

«Ser chefe, é saber manter um sistema de relações, de subordinação embora, mas em que imprescindivelmente não-de existir dois termos: o que dirige e os que são dirigidos. Por isso não é, nem pode aspirar a ser chefe, aquele que se isola, o que desdenha e despreza o concurso dos outros, o que se fecha ao acesso dos seus soldados, permanecendo longinquamente alheio às suas alegrias e às suas penas.

Ser chefe, é saber descobrir os homens capazes para as funções, e apoiá-los, sustentá-los, animá-los, integrando-os num esforço comum para obtenção de resultados comuns. Não é um chefe aquele que se sobrecarrega das ocupações subalternas e queda perplexo e desconfiado no meio dos homens, sem distinguir os bons e os maus, sem dar o prêmio e o castigo, abandonando os que o servem às próprias forças sem o conforto de uma amizade e o estímulo de uma boa palavra.

Ser chefe, é ser o primeiro no entusiasmo, na alegria de criar, no prazer de agir; é adivinhar as oportunidades do ataque e da defesa, do triunfo e da derrota. Não é um chefe o que renuncia, o que protela, o que encolhe os ombros com indiferença, deixando que passem as ocasiões e se afundem os homens».

Marcelo Caetano



VISITE O RESTAURANTE

DUAS SENTINELAS

Situado na Estrada de Quarteira a 850 m. das QUATRO ESTRADAS — LOULÉ

ÓPTIMO SERVIÇO DE MESA PREÇOS ACESSÍVEIS

Parque privativo para Automóveis — Parque Infantil

Excelente local para repouso sob extenso pinhal